12 PAGINAS · NUMERO AVULSO 1 ESCUDO · 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

Os grandes proletarios

Os garotos dos jornaes, os "ardinas", vivos, espertos, logo de manhãsinha, numa chilreada alegre, espalham-se pela cidade levando a toda a parte e a toda a gente a leitura diaria. Não suspeita o leitor como é ardua a sua tarefa e como áqueles pequenos e honestos trabalhadores cabe bem o nome de grandes proletarios...

O DOMINGO
ilustrado

ANO I N.º 11

LISBOA 29 DE MARÇO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA—EDITOR GERENTE EDUARDO GOMES—IMPRESSÃO—R. da Rosa, 99

Má língua

Á MR. JEAN HERVÉ

Je fais ici l'effort hebdomadaire
d'un chansonnier qui couve sa chanson,
soit en scrutant, rêveur, les yeux lunaires,
soit en interrogeant d'autres lumières
qui ne lui disent rien de bon . . .

Pauvre métier de chansonnier . . . sans «boîte»,
piètre destin bien triste et bien cruel!
Les dieux rompent comme des culs-de-jatte.
L'esprit ne trouve rien au ciel qu'il gratte.
(Car il est bien un gratte-ciel . . .)

Donc, aussitôt qu'un livre, un fait, un homme,
à ma plume suggère un peu de texte,
Je le saisis avidement.—En somme . . .
je crains un peu gaffer si je vous nomme . . .
si je vous nomme . . . mon prétexte!

Pourtant, je veux vous dire en style épique
(passez l'immodestie . . .) quelques propos
dont la tournure un peu mélancholique
puisse alléger la lourdeur tyrannique
que je sens rivée sur mon dos . . .

Je veux vous dire à vous,—vous, qui, dans l'âme
emportez, j'en suis sur, quelque courroux,—
que Lisbonne mérite votre blâme;
Mais que Lisbonne, aujourd'hui . . . est une dame
dont vous ignorez les dessous . . .

Vous nous avez assommés de vos armes,
celles d'un grand talent. Oui, mais je crains
qu'à tout cet Art si noble, à tous ses charmes,
n'ait fait défaut le tapageux vacarme
dont s'entourent les cabotins.

Il en pleut parmi nous. Même, ils grouillent
comme des diablotins en plein enfer.
Ils proclament «diamants» les miettes d'houille,
et, prétendant aussi que l'or se rouille,
tressent leur gloire en fil de fer . . .

Le théâtre classique?! Oh! Ils désirent
l'obscur enchantement d'autres appats;
ces oeuvres de folie dont on peut dire
que tout l'émotion qu'elles inspirent
nait . . . de qu'on ne les comprend pas . . .

Croyez pourtant que, pour les coeurs d'élite,
il ne fut pas stérile, votre effort.
Vous leur avez donné un tiède gîte,
dans tout cet écroulement où s'agitent
des ourangs-outangs ivres-morts.

Pardonnez moi de vous faire ma Muse
pour leur lancer ces pierres . . . que j'écris.
Pour vous, des fleurs. Pour eux, mon arquebuse
dont les coups vont gagner, grace à ma ruse,
une vague couleur d'inédit . . .

TAÇO

HEROISMOS

—Tu não tens na tua vida nenhum acto de piedade nem de heroismo! . . .
—Oh filho, esqueces-te de que casei contigo . . . .

questão prévia

De facto que mais tenta a pena do cronista entre as varias ocorrencias dos ultimos dias é a entrada da Primavera, que á minha imaginação aparece sempre personificada numa daquelas vaporosas figuras, envoltas em veus fluctuantes, que outrora eram de obrigação nos envolucros dos sabonetes e nas tampas das caixas de lenços.

E, pois, assim que eu a vejo, á prometedora Primavera de 1925, atravessando a formosa terra de Portugal sem que os seus pésinhos leves toquem sequer a graça das primeiras flôres, que pontilham de côr a vestidio dos campos. Ela paira, na minha imaginação, dois palmos acima do sólo e só assim eu me explico que a Primavera possa ter entrado sem inconveniente no nosso país, estando as estradas transformadas em barrocas e desfiladeiros perigosos e emocionantes.

* * *

Entre os numerosos leitores do «Domingo Ilustrado» decerto alguns houve que, deslumbrados pela beleza azul e ouro dos primeiros dias primaveris, empreenderam a audaciosa proeza dum passeio de automovel até Sintra ou Cascais. Esses compreenderão a justiça com que aqui pretendo louvar as repartições publicas da especialidade e o proprio Estado, que á custa de aturados e dispendiosos sacrifios de penuria conseguem manter em completas ruinas mesmo as estradas de trazer por casa, que ligam a capital aos seus mais pitorescos arredores.

É claro, que neste país de espiritos de contradição, ha jornais e pessoas que reclamam que se reparem as estradas, pedindo que haja macadame a vergonha por via dos turistas que nos visitam. Tal atitude por parte desses reclamantes só se compreende como méro efeito de oposição ou então como uma acanhada compreensão da industria do turismo. Pois valeria a pena a um turista deixar a sua terra e vir longos dias pelo mar para encontrar aqui estradas como tem o seu país, lisas e bem calcadas, sobre as quais os automoveis rolam como sobre um espelho? Pois não procura, quem viaja, emoções novas e sensações diferentes das que diariamente colhe na sua vida ordinaria?

O criterio habil que orienta os fomentadores da industria turistica em Portugal, a começar pelo das estações oficiais, baseia-se precisamente sobre estas considerações e assim é que se dispendem grossas quantias para manter as nossas estradas em estado de intransitaveis. E parece que a teoria dos contrastes aplicada ao turismo tem dado os melhores resultados, porque eles, os turistas, continuam a desembarcar.

Com efeito, que prazer enorme e novo não colherá o infeliz que sacudido entre a capota e o assento dum automovel, durante quilometros, encontra ao fim da jornada a amenidade edenica de Sintra ou o sorriso acolhedor do senhor Alexandre d'Almeida, fazendo as honras do Bussaco, de fraque e comenda de Cristo?

Ora sentiria alguem o prazer de findar a viagem se as estradas proporcionassem um transito comodo e agradavel? Tenham, portanto, a bondade de substituir as acusações ao desleixo por elogios ás finas qualidades de psicologos, que as obras publicas manifestam na destruição das estradas.

FELICIANO SANTOS

por todo o mundo

Ha dias tem ganho vulto a opinião de que finalmente a Alemanha tomará a atitude necessaria para entrar na Sociedade das Nações, isto é: sujeitar-se-ha a todas as clausulas e renunciará a qualquer «arrière-pensée». Diz-se que foi victoria do Sr. Chamberlain em conferencias com o embaixador alemão em Londres, o Sr. Sthamer.

A opinião publica franceza, porém, recebeu a noticia d'essa «victoria», desconfiada e com reservas.

E pergunta: o que pretenderá a Alemanha ganhar habilitando o Sr. Chamberlain a «cantar victoria»?

* * *

Mas os profetas da boa paz entre os homens ainda teem mais motivos para jubilo.

Assim, o ministro dos negocios estrangeiros do «Reich», Sr. Stressmann fez ao mundo civilisado a oferta dum «pacto de garantia mutua», pelo qual se abraçariam em grande amplexo politico a Belgica, a França, a Inglaterra, a Italia e o «Reich».

E logo, levados por tão belo «élan» pacifista, espiritos superiores sugerem que esse pacto pode ser alargado á Polonia e á Tchecoslovakia.

Mas, não ficando em tão pouco, outros lembram ainda que o pacto pode ser de 9 com a entrada da Rumania e da Servia . . .

E nós perguntamos que simphonia de paz poderá tocar tanta gente junta?

* * *

Nesta altura é bom recordar que, ainda não ha muitos dias, o grupo nacionalista do «Reichstag» votou uma moção pela qual formalmente se opõe a toda e qualquer renuncia definitiva da Alsacia e de Lorena, e o actual gabinete alemão, muito orientado para a direita, não póde de forma alguma remar contra esse grupo.

Eis o que dá direito a supôr que tudo não peorará de musica celestial, seja o chefe de orquestra o Sr. Chamberlain ou o Sr. Stressemann . . .

* * *

Morreu Lord Curzon, e essa morte merece bem um registo.

Porque mesmo nessa grande Inglaterra, onde não são raros os «right men in the right place», Lord Curzon foi figura de grande destaque, não tendo sido pequena a sua influencia nos fastos da Europa.

Representava perfeitamente o grande aristocrata politico. Diziam-no altivo, e espalhou-se que ficara descontente quando, ao organisar-se o actual gabinete conservador britanico, lhe deram um posto só altamente representativo, e viu o Sr. Chamberlain colocado á frente dos negocios estrangeiros nesta hora importante da historia; mas todos reconhecem que honrou a patria.

Tambem agora todos se descobrem, quando passar para a ultima morada o seu caixão feito com tabuas de velhos carvalhos das suas proprias propriedades, como é costume na familia Curzon.

Descobramo-nos nós tambem.

A. ROCHA PEIXOTO

comentarios

OS distintos escritores Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa, extremamente populares no Porto, lançaram ha tempos um jornal com o titulo «Cócórócó». Quando os vendedores saem com ele as ruas tomam um singular aspecto. A cada canto um rapaz, um velho, uma mulher, fazem «cócórócó». Para o apregoar é necessario fazer uma imitação animalista, que dá á cidade o ar duma opereta movimentada, com um côro extranho e desafinado de «cócórócós».

écos

OS «touristes» alemães que ultimamente estiveram em Portugal, procuraram [illegible]mente levar do nosso país recordações de arte regional. Uma velha alemã, com quem nos conseguimos entender em francês, lamentava que as rendas de Peniche imitassem pobremente os debuchos das de Bruxelas. Acabaram por levar umas cantaras de barro do Luzo e uns apitos pintados, comprados na Ribeira Nova, em Lisboa. Foi tudo quanto a industria portuguesa lhes forneceu de pitoresco e de inedito. O mais, «souvenirs do Bussaco», em «madrepérola sobre fundo de cortiça» — não valia a pena levar para a Alemanha, poque vem de lá...

VAE abrir brevemente o Salão Oficial da Sociedade Nacional de Belas Artes. Aquilo que devia ser o grande acontecimento artistico do ano, e devia marcar o esforço global de progresso nas artes plasticas nacionais, é já hoje um certame sem interesse, onde se exibem os restos das exposições particulares.

Depois da decantada «questão dos novos», depois do exclusivismo que marcaram nesta atitude os artistas «conservadores» esperava-se ao menos um esforço destes. Qual . . . de mal a peor.

Á hora a que escrevemos apareceu nas mãos dos literatos um livro que não foi posto á venda «Camilo e os azeiteiros». Vimo-lo no Porto. É uma tunda aos exploradores do suicida de S. Miguel de Seide, aos que se vestem dos pobres farrapos intimos do romancista admiravel do «Amôr de Perdição».

Ha uma certa justiça no ataque. É preciso — mais uma vez o repetimos — não confundir o culto camiliano, sincero, entusiasta e orientado, com a biblilhotice camiliana, que é ridicula e impropria.

DIZEM-NOS que o sr. dr. Bernardino Machado, em conversa com um deputado seu intimo, se declarou apto e prompto a formar um gabinete de concentração republicana.

É muito curiosa a eterna mocidade, sempre combativa e sempre fresca, do antigo Chefe do Estado.

O sr. Bernardino Machado, que foi uma figura, não se conforma com a sua mumificação em vida. Havemos ainda de ver a sua pêra branca num carro presidencial . . . nem que seja de junta de paróquia.

COMO dissemos, a nossa pagina sobre os mutilados de guerra produziu um efeito enorme, em todos os meios.

A gravura — uma linguagem que todos sabem lêr — é um grande meio de acção.

Simplesmente é de lamentar que a proposta dos deputados, tardia e mal feita, nada remedeie.

SOIRÉE

É dia de um conto daquele idiota para entreter a gente com o cantorio e os convidados vão-se todos safando . . .
—Será melhor passar a dar o conto aos convidados— . . .

«EXORTAÇÃO À MOCIDADE» — Nova edição precedida de uma resposta à Carta-Prefacio do sr. Antonio Sergio n'«O Desejado» — por Carlos Malheiro Dias — Lisboa, 1925.

Carlos Malheiro Dias e António Sérgio — dois intelectuais de pura lei, senhores de muito alta e muito merecida nomeada literária — travam actualmente uma polémica sôbremodo interessante acêrca do significado histórico do papel que D. Sebastião desempenhou, na penumbra trágica em que vem a afundar-se o nosso radioso século de quinhentos.

Possuindo ambos uma profunda cultura histórica e filosófica, dispondo ambos dum raro brilhantismo de estilo e dum espírito crítico admirável de lucidez e de rigor no método analítico, os dois antagonistas, utilizando apenas os mais leais recursos da forma, da arte de escrever, manteem a sua discussão a um nivel bem superior ao daquele mesquinho «dize tu, direi eu» que é, em regra, um característico predominante, nas nossas guerras, do Alecrim e da Mangerona. O simples facto de representar um modêlo, quási unico — nos tempos que vão correndo —, do que seja uma contenda em que se debatem duas teses contrarias e se esgrime com idéas bem vestidas de palavras, mais do que com palavras bem ôcas de idéas, basta para que esta polémica marque um momento feliz da actual hora literária.

Contra a sanha anti-sebástica de Antonio Sérgio reagiu Malheiro Dias, defendendo o seu direito de continuar apontando à mocidade de hoje o vulto suave do «Desejado», não como um ensinamento, mas só e precisamente como figura emblemática da Desgraça Imerecida, da que parece espreitar-nos e de que só poderemos triunfar se em nossas almas guardarmos o mesmo ardor patriótico, o mesmo anceio de redenção que deve ter dulcificado o último alento daquelas outras almas que, no árido descampado de Alcacer, mansamente se uniram a Deus.

A «Exortação á Mocidade» — vibrante e eloquente lucho de amor á «gens» e ao humus» pátrio, generosa semente de estímulos que o eminente escritor exilado quiz atirar ao solo ingrato que voltava a pisar, — constitue uma das páginas de maior elevação literária subscritas por Malheiro Dias. Pareça isto, embora um exagêro, a quem lembre que o mesmo nome já subscreveu tantas paginas gloriosas.

O Prefacio à «Exortação» é uma replica brilhante que nos convence e nos faz admirar, simultaneamente, a atitude composta e serena de quem subiu tão alto para se fazer ouvir e a de quem sente em si a fôrça necessária para poder retorquir.

Tereza LEITÃO DE BARROS

NA ESQUADRA

— Diz o senhor que encontrou êste coelho . . . . Muito bem. Se dentro dum ano ninguem vier reclamá-lo é seu ! . . .

D. "DIOGO" E EU

MEU CARO ANTONIO FERRO

TEVE v. a amabilidade de me perguntar, se eu estava zangado por v. escrever, na critica que fez ao «João Ratão» interpretado por auctores, que eu estava pouco á vontade no D. «Diogo».

Mas de maneira alguma! Acho até que v. foi pouco justiceiro! Eu, no seu caso, diria tambem que o «D. Diogo» estava egualmente muito pouco a vontade em mim! Demais sabia eu, antes de entrar para a scena, que nunca poderia dar á figura o ar fidalgo e a planta aristocrata que á personagem são precisas.

Bem vê, com este corpo todo em osso que possuo, jamais poderia ter veleidades de linha impecavel e, se as tivesse e as quizesse mostrar no «D. Diogo», o nobre fidalgo resultaria caricatural, dada a delgada existencia corporea que me caracterisa e assim toda a gente deixaria de ouvir o intriguista para apenas rir das minhas atitudes. Isto com respeito ao fisico, porque do moral é a coisa mais falada.

V. reparou bem na figura de «D. Diogo»? Notou que dentro da peça, o desgraçado reprezenta um judas muito respeitavel, peor do que o outro, porque nem ao menos lhe concedem uma figueira onde se enforque? Aquele «D. Diogo» é o que nós chamamos em teatro, uma figura precisa para não fazer nada.

E' o «cinico», mas o cinico antipatico a todos, (até a este seu admirador), e por muito á vontade que esteja, está sempre a mais! Repare que até lhe cospem! E queria V. que eu, que não tenho nada de fidalgo nem de mau rapaz, estivesse muito á vontade dentro daquela espiga, sabendo de antemão que tinha de fazer de patife levar uma bofetada e por fim ser posto na rua por indecente e má figura! Queria-o vêr no meu logar para depois lhe perguntar se se sentia muito á vontade dentro dum casacão daqueles!

Já vê que nunca poderia levar a mal que V. escrevesse que eu estava pouco á vontade. O contrario é que era caso para lhe chamar qualquer nome feio. Digo-lhe mesmo mais, se não fosse a interpretação do João, do Lino, do Felix, do Horta e Costa, do Bandeira e a voz do Luna, V. estaria a receber esta carta por mão de um «medium» e a bandeira da A. C. T. T. conservar-se-hia trez dias a meio pau.

Eu fui o naufrago daquele mar de boas vontades. (Repare que não escrevo mar alto para V. não julgar que é piada). Era preciso que o «João Ratão» fosse um portuguez ás direitas, um luso dos sete costados e para isso necessario foi fabricar um «D. Diogo» de botas de montar e «stick!» O «stick!» Ainda foi o unico amigo que me valeu naquele aperto! Se não fosse ele, onde estaria o talentoso humorista, como V. me chamou, na sua mania de fazer paradoxos amaveis! Fiquei-lhe devendo um grande favor, ao pobre «stick» e tanto, que lhe peço pelas almas que o meta no «Teatro Novo». Estou certo que o Lino não vai fóra disso e V. prestará um grande obsequio ao seu amigo que está sempre muito á vontade dentro de si proprio.

CINEMAS

OS FILMS DA SEMANA

ALMAS Á VENDA — Esta super-producção que o «Tivoli» teve o bom gosto de apresentar é do mais original que se tem executado na cinelandia. A par dum entrecho empolgante, lavrado sabiamente de belas scenas de comédia, aparecem aos nossos olhos deslumbrados, aspectos inéditos da vida dos «studios», de Hollywood e dos seus «estrelos» que ficam como um belo documento da maravilhosa actividade do cinema nos nossos tempos. Charlot anima com o seu especial bom humor uma das scenas da fita em que são protogonistas Lew Cody, Eleanor Bardman, Frank Mayo e Richard Dix, emquadradas por 35 astros de primeira grandeza.

TRAPEIRO DE PARIS — Tambem o mesmo salão, apresentou esta excelente fita «Albatróz» com Koline, o genial artista russo. E' um assombro de interpretação e tem boa mise-en-scène de Sergio Nadjedine. O argumento é vulgarmente melodramático.

O TESOURO DOS INDIOS — Uma boa série de Geo. B. Seitz com a simpatica e popular Pearl White formando programa com «Palavra d'honra!» ... 5 actos (damos a nossa palavra d'honra de que não ha direito a fazer um film tão mau!)

TIRANO E MARTIR — Boa produção de Goldwyn, cheia de lances atrahentes e de quadros de rarissima beleza, explorando aspectos pitorescos e inéditos da Polynesia. Milhares de figurantes, mechidos por mão de mestre e boa interpretação de Antonio Moreno, George Liegman, Pauline Stark e o glorioso actor House Peters.

ECRAN

MARIA BARRIENTOS E TOMÁS TERAN

Tambem a empreza do S. Luiz proporciona nos dias 6 e 7 de Abril dois concertos em que estes dois reputados artistas executarão programas diferentes dos mais consagrados compositores. Maria Barrientos, a famosa soprano e Tomás Teran, compositor e admiravel pianista, são sobejamente conhecidos do nosso publico para que sejam necessarios mais elogios. Os bilhetes estão á venda.

ARTUR RUBINSTEIN

A S. Carlos vem nos dias 13 e 14 de Abril o pianista Rubinstein que no principio do inverno tanto sucesso obteve tocando para os socios da Sociedade de Concertos. Desta vez os concertos não são reservados á Sociedade, podendo o publico desde já adquirir os bilhetes na bilheteira do teatro.

Consultorio pratico

RESPOSTA A TUDO

PELO

PROF. HAITY

BOTÃO DE OSSO — Ás castanhas o que fica melhor é o branco (Bucelas).

PINOCA — Meninas ricas para casar ha algumas mas já estão todas vendidas. Sei de uma com defeito que talvez lhe sirva. Tem um metro e trinta de altura, é loira e estupida como um peixe.

PREVENÇÃO

Previnem-se os srs. clientes que o

PROF. HAITY

só responde ás perguntas que vierem acompanhadas do selo que vem publicado abaixo.

CONSULTAS GRATIS SOBRE TODOS OS ASSUNTOS

Recortar este selo e enviar com a consulta o Prof. HAITY.

RUA D. PEDRO V, 18 — LISBOA

NO ATELIER

— Sim meu caro mestre! . . . Compro-lhe o quadro, mas com a condição de dizer que fui eu o modelo . . . .

FALEMOS DE BOX

Por um conjuncto de circunstancias várias, que não aproveita pormenorisar, a ultima gerencia da Federação de Box não foi feliz nem proveitosa.

Muito atacada, muito discutida, desde a posse, dificultaram-lhe o trabalho e contribuiram para agravar as suas fracas condições de vida. E assim, apesar da boa vontade de dois directores, que foram impotentes para manter o prestigio da Federação, embora bem intencionados e dedicados, muitas faltas passaram sem reparo e as coisas do box chegaram a uma situação lastimosa.

Felizmente da ultima Assembleia Geral sahiu uma direcção com todas as probabilidades de restabelecer a disciplina, dada a qualidade das pessoas que a compõem, todas com auctoridade, competencia e experiencia, já provadas.

A Federação de Box tem uma natureza particular, diferente de todas as outras, que regem apenas os amadores. A superintendencia nos profissionaes dá-lhe uma feição diversa e traz-lhe responsabilidades pesadas. Administrar justiça para os amadores, sempre ligados aos seus clubs e em regra respeitadores, não é dificil. As suas faltas teem, em geral, caracter benigno.

Para os profissionaes o caso é outro. A briga de interesses leva muitas vezes a sanções duras e as reacções são inevitaveis.

A Federação de Box tem até hoje mantido uma autoridade apenas moral, o que não é bastante. Para que a sua acção possa corresponder, de facto, a uma auctoridade séria, é essencial apoia-la fortemente.

Tenho repetido isto algumas vezes.

Com muita satisfação soube que na reunião de parlamentares, ultimamente realisada, a questão foi versada com sensatez e bem comprehendida.

A promulgação da medida que confiará á F. P. de B. um puder de que ela necessita, absolutamente, não se fará esperar. Então é possivel pedir-lhe ou antes, exigir-lhe uma regulamentação rigida de box profissional.

Desde que a Federação tinha interferencia, reconhecida legalmente, nas organisações, e possa negar-lhes o seu visto, prohibindo-as quando estejam fóra das normas regulamentares, é-lhe facil manter a disciplina e zelar pelos interesses do publico.

E mais do que isto, os proprios interesses do manager, do boxeur e do organisador, puderão ser melhor cuidados por uma Federação, com uma direcção de amadores, que por eles mesmos.

N'um meio pequenissimo, como o nosso, é este sem duvida o melhor sistema.

Os directores, sendo amadores, dão todas as garantias de puder vêr com imparcialidade e resolver com justiça.

Não vejo necessidade de chamar a atenção da actual Federação de Box para algumas faltas graves cometidas nas nossas ultimas organisações.

Mas não me parece mal frizar ao publico um exemplo do muito que ha a corrigir.

Citemos, por exemplo, a vantagem d'um ring. Ela requer cuidados especiaes, que a Federação imporá, porque parece que os organisadores não estão dispostos a atende-los. Toda a gente comprehende que a maioria dos desastres em combates são originados por duas causas essenciaes: o mau estado do ring e a falta de assistencia medica.

Um taboado mal protegido, rodeado por cordas pouco tensas, e em numero inferior ao que os regulamentos exigem, oferece um risco serio para os homens que combatem. Uma queda caprichosa, no proprio ring ou para fóra, com passagem pelas cordas, póde ter consequencias graves.

Prevendo isto, os regulamentos dispõem a protecção do ring com feltro coberto com tapete, tornando assim o pavimento sem perigo para as quedas, e as 3 cordas para obstar á passagem por entre elas.

Nos ultimos combates do circo, feltro e tapete foram substituidos por um pedaço de lona com seis palmos quadrados; o ring vedado apenas por duas cordas, e essas mesmas mal esticadas.

Não póde ser.

Mas a culpa não é apenas dos organisadores. Os nossos boxeurs profissionaes teem tambem culpas.

Veem mal o problema da sua vida e supondo que luctam pelos seus interesses, fazendo ridiculamente caros os seus serviços, contrariam-nos.

Os organisadores raro se aventuariam a um negocio, que na melhor hipotese deixa um lucro de dois ou tres contos e com mais probabilidades dá um prejuiso duas ou tres vezes maior.

Não faz sentido que os estrangeiros, os francezes, por exemplo, façam em Portugal combates por 500 a 2000 frs. homens de egual e superior valor aos nossos melhores, quando estes exigem com naturalidade tres e quatro contos. Se limitassem a sua ambição teriam muitos mais combates, melhorando com a experiencia os seus conhecimentos — que muita melhoria precisam — e faziam uma receita anual superior á que conseguem actualmente.

Os boxeurs são aliados de interesses, dos organisadores, e por isso pretenderem fazer fortuna á custa da ruina dos societarios, é tolice grossa. Levam a sociedade á liquidação, com maior prejuiso, seu, visto que em Portugal, póde dizer-se, não ha organisadores de box de oficio.

F. GUEDES

MARIO DE NORONHA

Esgrimista de grande valor é o atirador portuguez que maior numero de primeiros premios possue.

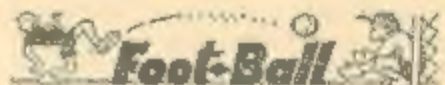
Na brecha a partir de 1909, ano em que ganhou o campeonato de Portugal, nesta data aberto a profissionaes e amadores, não obstante se ter afastado da prancha e dos torneios desde 1917, Mario de Noronha foi ainda o nosso melhor representante na prova individual dos ultimos Jogos Olympicos em Paris.

Numa rapida revisão dos seus numerosos triunfos, pudemos anotar:

Campeão de Portugal em 1909, 1912 e 1916. Campeão Olympico Nacional em 1912. Campeão da Federação Portugueza de Sports em 1914. Vencedor do torneio da Imprensa em 1913.

Detentor das Taças: Penha Longa em 1909, Monte Estoril em 1910, Inter-bancarias em 1911, Cidade de Lisboa em 1913, Amadora em 1915 e Estoril em 1916.

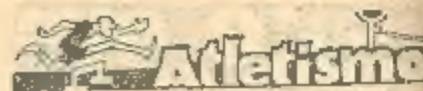
Como internacional fez tambem parte da equipe portugueza que se classificou em 3.º logar no Torneio de Monte Carlo em 1909.

Foot-Ball

O IV LISBOA-MADRID

Hoje em Palhavã, realisa-se o quarto encontro anual entre as seleções militares de Madrid e Lisboa. Match classico por excelencia, a sua realisação tem dado ensejo a manifestações de apreço e estima entre as classes militares dos dois paizes ibericos.

Nos I e III desafios realisados em Madrid os nossos representantes foram dominados. Mas no II encontro que teve logar nesta cidade, o onze da capital obteve uma brilhante desforra após uma exibição excelente.

O local do embate parece pois ter influencia decisiva nos resultados, o que nos permite ter fundadas esperanças no match desta tarde.

CORREA LEAL

II

CORREDORES DE NOBREZA EM INGLATERRA. CORREDORES MODERNOS

(Continuação do n.º 10)

O seu espanto não teve limites, quando soube que o agil corredor já desempenhara a sua missão, indo a Edimburgo, que distava 35 milhas do palacio.

No reinado de Carlos II, o duque de Lauderdale deu um grande jantar no seu castelo de Thirlstane, perto de Lauder. Na ocasião de pôr a mesa, reconheceu-se que faltava um objecto indispensavel, que se encontrava a 15 milhas no castelo de Lethington, perto de Haddington. Um corredor partiu e voltou muito a tempo, para o utensilio servir no banquete, não obstante ter percorrido um região muito acidentada.

Cita-se ainda no norte de Inglaterra, o facto de um corredor de Glasgow ir a Edimburgo chamar dois medicos para o seu amo que se encontrava gravemente enfermo. No meio do caminho, perguntaram-lhe pela saude do amo, mas ele sem parar respondeu:

«Meu patrão ainda não morreu, mas não deve viver muito tempo, visto que em breve terá dois medicos a seu lado.»

No tempo de Isabel, lady Berkeley adoeceu gravemente no castello de Gollondon, residencia da familia. Seu marido enviou um corredor Langham á cidade mais proxima, Londres, com uma carta ao seu medico de familia.

Langham voltou com a receita aviada e incluindo o tempo que perdeu no medico e na farmacia, percorreu 148 milhas (238 quilometros) em 42 horas. Um cavalo não teria feito melhor.

A maior ambição dos corredores da aristocracia ingleza era vencer um cavalo em corrida.

Citam-se varios exemplos de atletas que apostaram vencer uma parelha e que ganharam a aposta.

No seculo XVIII, o duque de Marlborough guiando um phaeton a duas parelhas, foi vencido por um corredor no trajeto Londres a Windsor; mas o vencedor, ao passar a meta, caiu, para não mais se levantar.

A' medida que as communicações eram facilitadas, as estradas mais praticaveis e as viaturas mais ligeiras, o numero de corredores diminuiu.

O duque de Queensbury, morto em 1810, conservou sempre o uso de tres corredores ao seu serviço. Era o proprio duque que admitia os seus homens, sujeitando-os a uma prova de ensaio.

Um dia apresentou-se um pretendente. Vestido da libré da casa, executou com a maxima facidade o programa indicado. Terminado este, o duque disse-lhe:

— «Você satisfaz-me completamente.»

— «E o vosso vestuario tambem» respondeu o outro. E desapareceu a toda velocidade. O duque de Queensbury considerou desnecessario perseguir o ladrão.

Em Inglaterra, a tradição conservou algumas ceremonias, em que se apresentam «footmen». Na Alemanha, dá-se o mesmo. Ainda em 1845 o rei de Saxe, fazia-se escoltar por uma duzia de corredôres de grande agilidade.

Em Inglaterra, além de corredores, havia tambem especialistas em marcha, que tiveram grande nomeada.

(Continua)

CORRÊA LEAL

Cinemas, teatros e circos

Concurso Teatral

QUAL É A MULHER MAIS LINDA QUE PISA OS PALCOS PORTUGUESES?

CONDIÇÕES:

1.º—Serão aceites e publicadas todas as respostas em verso que responderem a este concurso.

2.º—Ao auctor da melhor resposta das publicadas nos primeiros quatro numeros e à actriz mais votada serão oferecidos valiosos premios.

Sobre uma penedia de um mal negro veu
Que se ergula no mar, um monstro desconforme,
Eu fui sentar-me á noite, hora em que o mundo dorme,
Para olhar, sósinho, um ponto que há no céu . . .

Já era meia noite. A brisa fresca passa
E vem beijar-me a face tão suavemente
Que chego a perguntar se acaso é realmente
A brisa que me beija assim com tanta graça.

Depois, sinto falar-me quasi que no ouvido
A voz da solidão a vir-me perguntar
Que fazes tu aqui em noite de luar
Olhando, como estás, o céu, enternecido?

E eu, sem me mover, só tive esta resposta:
Aqui, fita eu fico numa ancia infinda
A'estrela que lá mais bela, a 'strela que há mais linda
... Não vês?... Repara..., Lá 'stá... E Laura Costa.

JAVAS

Por mais que o jornal compulse,
Neste concurso da actriz
Não vi inda um voto á Dulce
D'Almeida e do S. Luiz.
Porque é p'ra mim a mais bela
Vai o meu voto p'ra ela.

ATIRA DISSO

Das nossas grandes actrizes,
Uma há de quem se gosta:
Para papeis de petizes,
E' mais linda a Laura Costa.

MILENA

De todas a mais bela,
De todas com mais vida,
E' Luiza Satanela
Do Teatro Avenida.

TECAS.

Respondo com alegria,
A concurso tão interessante
Dou meio voto á Maria Pia
E meio á Satanela — Amarante.

TONECAS.

A um concurso tão feliz
Minha resposta vou dar
Na Auzenda do S. Luiz
Me resolvi a votar.

PEROCA

La Goya y l' Argentinita
Me pediran, mas Canêro
Que votara en la Auzendita
Lo que hajo . . .

PERES EL FÊRO.

Apesar de ser mulher
Mas sem que isto me prenda
Dou meu voto sincero
A' simpatica Auzenda

VIOLETA.

o momento teatral

Lucinda, a nossa maior actriz contemporânea, está outra vez na vida activa da scena. A gloriosissima artista que é das mais nobres e das mais sagradas figuras que hoje conta a élite portuguesa, está ainda — Bemdito seja Deus! — na posse da mais alegre e fresca velhice que possa imaginar-se. Cita-se a sua memoria que é prodigiosa, e a sua resistencia que espanta. E' curioso ver como com a sua edade ela governa um palco, dirige scenografos e carpinteiros, electricistas e contra-regras, e ensaia, e representa, e arma a scena, como certos velhos generaes que não desistem de comandar os exercitos ainda em campo.

E' realmente uma extraordinaria figura —e num paiz onde o culto das grandes personalidades não estivesse obliterado, os espectaculos onde aparecesse a arte soberana e incomparavel de Lucinda seriam disputados a peso de oiro, e servidos com o deleite de quem sabe que tudo acaba rapido neste mundo—mormente a vida scenica dos que vivem muito para a sua Arte, como esta encantadora velhinha portuguesa que se chama—«tout-court»—Lucinda!

noites de primeira

NO SÃO LUIZ

O RATO DE HOTEL OU O HOTEL DO RATO

Uma data de musica em 3 actos original de Feliciano Santos, Luna de Oliveira e Horta e Costa.

A scena do 1.º acto passa-se num hotel que não existe. O Vasco vestido de vendedor de «sorvete» diz que é barbeiro a D. Sofia, fala num camafeu, o José Victor traz um fato de papel quadriculado, a Auzenda afirma que é Franceza e a Aldina canta que se dezunha. A certa altura escurece a scena e aparece uma mulher vestida de homem preto que faz efeitos de luz com uma lanterna de guarda-nocturno. Cae o pano, ha palmas que farte e começa o intervalo que é um pouco longo a fim de os espectadores poderem admirar os cartazes do Chevalier que pelos modos está ahi a rebentar.

O segundo acto passa-se na esplanada do mesmo hotel. Ha uma grande porção de alegria sentimental por parte de todas as coristas, o José Victor faz de policia para inglez ver, a Auzenda e a Aldina dizem que o beijo é isto e aquilo, o Fernando Pereira está danado porque a «josette» fez porcarias na escada e começa a cantar para se entreter. A certa altura apaga-se a luz e começa um quadro que sobejou da revista T. S. F. dos mesmos auctores da peça. Acende-se a luz e o Fernando Pereira é preso por não ter vergonha de fazer um canastrão daqueles. Volta novamente a mulher vestida de homem preto a fazer partes e acaba o acto afim de começar o intervalo. Mais palmas, mais chamadas e d'ahi a meia hora começa o terceiro acto que se passa num grande salão todo estilo grafico. Ha para ali muita prosa, muita musica e por fim acaba a peça com geral agrado de todos inclusivé os que já não teem carro para ir para casa.

ANDRÉ GODIM

cá por dentro

— Vae em breve realisar-se uma festa organisada pela redacção do nosso colega «Diario de Lisboa» em que tomará parte La «Goya» e será representada uma peça de Arthur Portela.

— Sóbe brevemente á scena no Avenida a opereta J. P. C. original de Ernesto Rodrigues Feliz Bermudes e João Bastos.

— A actriz Maria Alves está organisando uma companhia para seguir para a Africa.

— A estreia da companhia Otelo de Carvalho no Teatro Aguia d'Ouro do Porto no proximo dia 11 é com a magica «O bolo-rei».

— A actriz Dóra Vieira pensa em seguir para São Tomé no proximo dia 15 com uma troupe que explorará o genero alegre.

— Foi contratado para a companhia que vae explorar o Teatro Aguia d'Ouro do Porto, o actor Alberto Miranda.

Qual a mais formosa actriz?
E' dificil responder.
Vá lá um homem 'scolher,
Entre tantas no Paiz! . . .

Neste concurso, entrar quiz,
Não p'ra o premio receber,
Mas apenas p'ra dizer,
Aquilo que ninguem diz:

São lindas . . . quando pintadas,
Mas depois de bem lavadas,
E' forte a desilusão.

Voto na Auzenda; em verdade,
Ela foi . . . na Mocidade,
Um grandissimo «pojxão» ! ! ! . . . .

CARLOS FERNANDES.

ESTADO DO CONCURSO ATÉ AO N.º 10

Auzenda d'Oliveira	18 votos
Amelia Rey Colaço	9 »
Ilda Stichini	5 »
Palmira Bastos	1 »
Luiza Satanela	4 »
Laura Costa	5 »
Adelina Fernandes	4 »
Maria Corte Real	2 »
Maria Alvarez	2 »
Maria Clementina	1 »
Aldina de Souza	1 »
Elisa Santos	1 »
Julieta Soares	2 »
Elvira Costa	1 »
Maria Alves	2 »
Emilia Fernandes	1 »
Maria Brazão	1 »

MARIA VICTORIA

A peça de actualidade, tão querida do publico, Sonho Dourado com Laura Costa, a encantadora «diveuse», em muitos numeros novos e sempre repetidos.

E' bem certo; todos o sabem
Qual a nossa actriz mais bela.
Basta ir ao «Avenida»
E olhar p'ra Satanela.

JAIME MENDES.

Rei Colaço não me conhece
E que sou eu para ela?
Mais uma desconhecida
Que a admira e acha bela.

RUTH TRISTE.

EDEN

Companhia de variedades, com a formosa «Imperia Argentina», cujos bailados regionaes, canções e «tonadillas» acompanhadas à guitarra teem feito sucesso.

S. CARLOS

Sempre espectaculos pela companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Erico toda a companhia.

NACIONAL

DICKY peça de movimento, graça e sentimento, com Stichini Maria Pia e Ribeiro Lopes.

Conjunto equilibrado e brilhante.

S. LUIZ

Espectaculos variados pela companhia Armando de Vasconcelos.

Grandioso exito de arte e elegancia.

APOLO

Fechado temporariamente.

AVENIDA

A opereta «Miss Diabo», pela companhia Satanela-Amarante. Esplendido desempenho da admiravel actriz Luiza Satanela, musica lindissima.

POLITEAMA

O grande exito «Massacotas» de Feliciano Santos e D. José Paulo da Camara.

Toda a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

TRINDADE

Brevemente inauguração da grande companhia portuguesa de operetas e feeries.

COLISEU

A grande companhia de circo. Atrativo das creanças grandes e pequenas, noites e tardes de interesse e emoção. Especiaculo moderno.

O DOMINGO ilustrado

AS FIGURAS DO DIA: CAÑERO E MEJIAS—A CORRIDA DE INAUGURAÇÃO DO CAMPO PEQUENO E UM OPORTUNO PROJECTO DE LEI

PRIMEIRA apresentação em Portugal do sportman cordovez, D. Antonio Cañero que alternará com o cavaleiro portuguez João Branco Nuncio. 6 touros de Emilio Infante da Camara embolados á hespanhola e sendo director da corrida D. Ruy Ribeira da Camara.

* * *

A corrida de touros, realizada no domingo passado, no Campo Pequeno, por ser a primeira da epoca, tem um alto significativo. As passagens de valor nela registadas, com outras de egual quilate, voluntaria ou involuntariamente omitadas, devem marcar um padrão na realisação de espetaculos futuros.

Surgiu assim a necessidade de legislar, cujo proveito beneficia sobremaneira a iniciativa da autoridade superior do districto, que segundo consta, pretende judiciosamente organisar um completo regulamento dos espectaculos taurinos.

Segundo as notas decalcadas nos factos ocorridos na corrida de inauguração da epoca, elaboramos o seguinte projecto de lei:

Considerando que as corridas de touros são os unicos espectaculos de virilidade que possuimos e por conseguinte, dignos do maior cuidado na sua apresentação, tanto no que diz respeito á materia prima como á qualidade de trabalho que no mesmo se desenvolve, proponho que:

1.º—Quando o ceu aparece nublado e pardacento, e a temperatura gelar as mãos e os narizes dos espectadores, todo o pessoal que entrar na função, tem de agir de forma que as ovações aqueçam os animos;

2.º—Não é permitido aos «ganaderos» apresentarem gatos de mistura com garraios e touros mansos.

§ unico—Todo o bicho que se destinar á lide, deve trazer numa coleira de espesso cabedal, o numero, guisos, correspondente ao das corridas em que já entraram;

3.º—Os cavaleiros devem apresentar-se com a correcção de Antonio Luiz Lopes, vestidos á marialva, segundo a indumentaria reveladora da perfeição do toureiro equestre. Não se fazem referencias ao traje «vaquero», por isso interessar somente ao alfaiate;

§ unico.—A preparação dalgumas sortes e o par de bandarilhas colocado no 5.º por Lopes, deve servir de exemplo aos vindouros;

4.º—Os artista de pé empregarão os melhores oficios para se aproximarem da tecnica que assignala as superiores qualidades de Sanchez Mejias;

5.º—Desenharão «cenidas» veronicas cujas series serão rematadas por «medias» ditas, faroes, serpentinas, etc.

6.º—Obrigando o touro a marrar, farão o possivel por cravar bandarilhas «á la mariposa» o que não será dificil conseguir, visto haver para aí tanta borboleta...

§ 1.º—Na altura do 7.º da manada, colocarão tres pares seguidos «de poder a poder.»

§ 2.º—Aos artistas é permitido inspirarem-se na toada plangente duma guitarra e no mavioso canto do fado, para melhor se integrarem na alma nacional. Tambem por desfastio, pode dançar o «fox-trot» monumentalmente acompanhado por dama da sua simpatia.

7.º—Durante o inverno praticarão o maior numero de exercicios sportivos e bem assim os treinos inerentes á sua arte, para evitar o cansaço e o precalço de andarem constantemente a tomarem sopa de massa... cornea, como aconteceu com Agostinho, Angelillo e Alfarero;

7.º—Aos forcados Matias Leiteiro. Pilé e companheiros do grupo de Lisboa, fica vedado o ingresso na arena, servindo-se da barreira do sol. Por causa duma diferença de 50.00 em cada forcado, não devem menosprezar os valentes colegas do Cartaxo, um dos quais tem direito a um barrete de gratificação.

§ 1.º—A rija pega á volta, de Antonio Rodrigues e José Casqueiro, marcou o modelo neste genero de trabalho;

§ 2.º—Não é permitido ao forcado confundir um cabresto com um touro;

8.º—O director da corrida deve usar da maior inteligencia, de modo a evitar que o cavaleiro esteja em praça durante tres quartos de hora, a desafiar um manso. Não mandar pegar touros que não estejam nas condições para isso;

9.º—A banda marcial artistica das fifas não devendo ser substituida pela orquestra Blanc, tem contudo de ser constituida por elementos que não lhe deem o caracter de fanfarra duma barraca de feira;

10.º—Os emprezarios são obrigados a envidar todos os esforços para conseguirem a abolição da vexatoria excepção do imposto de 15 % (além das contribuições ordinarias) quando na corrida entrem dois ou mais artistas extrangeiros;

Deve-se ter em vista que os artistas portuguezes tambem vão ao estrangeiro.

11.º—Aos criticos cumpre exercer a fiscalisação, de acordo com os artigos deste projecto;

12.º—Fica revogada toda a legislação cuja vigencia tão larga, tem causado imensos desgostos aos aficionados de «verdad.»

Março de 1925.

PÉPE LUIZ

O cabalhista D. Antonio Cañero numa das fases da lide equestre

O DETALHE DA CORRIDA DE HOJE

1.º touro — João Nuncio
2.º » — D. Antonio Cañero
3.º » — João Nuncio
4.º touro Antonio Cañero.

INTERVALO

5.º touro — João Nuncio e D. Antonio Cañero a duo
6.º » — Bandarilheiros.

O Charadista

Secção a cargo de José Pedro do Carmo (Zéphiro)

QUADRO DE HONRA

Zarita—Abrantes e Silva—Nénê—Pechincha—Rei Fera—O Mister Misterio—Rei do Orco—Violeta—S. Palo—F. Alves.

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 9.

Decifrações do numero passado:

Charada em verso: Exergo
Charada em frase: Catecumeno.
Logogrifo: Macario.

CHARADAS EM VERSO

Tenho amor á prima Ilda—2
Mulher de grande valor—3
Porque além de ser bonita,
Em sciencia é um primor.

AFRICANO

*

(Retribuindo ao Rei Fera)

Meu bom amigo *Rei Fera*—2
Por favor não me diga,
Se o gordo prior da Lapa—1
Ainda vive á sucapa,
Qual rato de sacristia? . . .

REI DO ORCO

*

CHARADAS EM FRASE

Quem é vesgo, vê tudo escuro, principalmente ao anoitecer.—2—2.

ZARITA

*

Uma fila de bois, por onde passa, deixa tudo encharcado.—2—2.

REI FERA

*

LOGOGRIFO

(Ao director desta secção)

Toda aquela multidão—1—2—3—4—10
Aprecia um sujeito,—7—8—11—2—9,
Que tendo muito dinheiro—11—5—6—7—8,
É esbelto e mui perfeito.—1—10—3—4—5—6.

É dificil de encontrar
— Todos sabem isto bem —
Que um homem tendo dinheiro
Fidalgo seja tambem.

O MISTER MISTERIO

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redacção, na á Rua Aurea, 72, Lisboa.

— Só se publicam enigmas e charadas em verso, charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— É conferido o QUADRO DE HONRA a quem enviar todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Folhetim do Domingo «Ilustrado» N.º 4

O rei maganão

Por LUIZ D'OLIVEIRA GUIMARÃES

IV

Destino! Ha lá nada mais imprevisto, mais caprichoso e mais vasio! Quando todos nós suppunhamos que o Destino iria ser afinal prodigio para com as mulheres, sobretudo para com as mulheres mais pobres e resolutas; quando todos nós suppunhamos que cada fio de sol surgiria na atmosfera de sombras que as envolvia, imprevistamente o Destino negou a sua mão providencial e, por toda a nação, desde o norte onde se reza ao sul onde se canta, onze mil mulheres foram mobilisadas.

—

Não é dificil adivinhar o que teria sido a mobilisação dessas onze mil mulheres, especie de onze mil virgens sacrificadas ao amor infecundo dos velhos—e á mocidade orgulhosa dum rei. Dir-se-hia o fim do mundo. As mulheres gritavam, barafustavam, arrepelavam-se, arrastavam pela lama o proprio prestigio real como um farrapo imundo. O Rei Maganão que até alli fôra para as mulheres qualquer coisa de semelhante a uma delicioza, a uma risonha figura de baile «masqué», adorada, desejada, passou a ser —«la donna é mobile»— pouco menos do que um «Rei David com uma coroa de papelão e umas arrogantes barbas de estopa. Mais do que uma vez, durante as 48 horas que durou a mobilisação, a força publica se viu na dura necessidade de manter em obediencia as mais desvairadas e mais irreverentes que ameaçavam levantar-se contra a edilidade real e—o que era mais grave—contra as noções elementares da decencia publica. Mas as mulheres, pobres bonecas de trapos com uns alfinetes de vidro e uma alma de algodão em rama, perderam a partida em toda a linha. Não conseguiram vingar o seu ponto de vista revolucionario. Acabaram por ser subjugadas como meninos de escola sob a palmatoria feroz do velho professor . . .

—

O que mais preocupou, desde logo, o governo foi o problema do uniforme do novo exercito a que poderia chamar-se, com propriedade, o «exercito do amor.» Não faltava quem afirmasse que bastaria, sobre as toilettes femininas, um pequenino distintivo militar—que bem poderia ser um minusculo Cupido doirado com as suas asas e as suas setas. Mas a isso se opoz o ministro da guerra. Que não, que não se compreendia, de forma alguma, um exercito em que cada simples soldado vestisse pelo seu criterio pessoal e pelos modelos do seu alfaiate. Como se aniquilaria a ordem e a disciplina, bases essenciais do prestigio militar, num exercito que começava a ser indisciplinado logo nos seus proprios uniformes? O governo reunido em conselho, sob a presidencia do rei, encarou pormenorisadamente a questão, pensou, considerou, consultou regulamentos militares e livros de figurinos—e acabou por onde devia ter principiado, entregando a resolução do problema a uma comissão composta de oficiaes do exercito e de modistas de nome. Mas esta comissão não foi mais feliz do que o governo. Não houve possibilidade de chegar a um acordo. Os oficiaes entendiam que um exercito sem calças, não era exercito: era uma pouca vergonha. As modistas afirmaram que arrancar ás mulheres a sua caracteristica fundamental, as saias, era transformá-las em homens—o que era ridiculo e o que era imoral. Depois de longas horas de discussão, de discussão sem sequer um ponto de acordo,—o ministro da guerra interveio, conseguindo uma plata-forma conciliatoria para dignidade das mulheres e prestigio do exercito. «Notre-coeur-timanche» não usaria nem calças nem saias; usaria saia-calção. O resto do uniforme não tinha importancia: bonnet; dolman de gola apertada, e em vez de espada, uma sombrinha vermelha, cheia de rendas...

(Continúa)

pagina feminina

Carta de Paris

As novas «toilettes»

APEZAR das manhãs ainda frias de que estamos gosando, começamos, já a dispensar e a pôr de lado os pesados casacos de lã ou de peles. Mil pequenos detalhes encantadores vêm, dagora em deante, alegrar os vestidos escuros que trouxemos na estação que vem de morrer. Blusas mais claras, lindas golas e adornos que dão uma nota de juventude sobre toda a «toilette, grimpes» leves e frageis que atenuam deliciosamente os nossos vestuarios um pouco masculinos. Todos esses «pequenos nadas» têm uma grande importancia na «toilette» feminina. A escolha do detalhe é uma coisa tão capital como a do proprio vestido. O vestido, a sua linha geral e o seu conjuncto, vêm dos figurinos escolhidos; mas esses detalhes, esses pequenos nadas que uma mulher lhe acrescenta sempre, nascem geralmente dum gosto e duma iniciativa todas pessoaes e serão esses nadas os que darão toda a elegancia e originalidade do conjuncto. Não vemos nós, muitas vezes, nesta epocha primaveril em que reina a maior simplicidade de linha e de tecido, um vestido não valer senão pelo chapeu, as luvas o saco, a «échärpe» que o acompanham e que dizem com ele?

A moda desses «grimpes», desses adornos em organdina ou em fresco linon, volta em cada primavera, e desde ha muitos anos, porque sobre os vestidos das nossas avós já as encontramos. E em moda mudaram, conservando ainda esse aspecto moço e ingenuo que é encantador e do qual todas as senhoras gostam. Em crêpe da China têm tambem o seu sucesso sobre vestidos que reclamam mais elegancia.

Detalhe agradavel tambem são essas lindas blusas claras que acompanham os nossos conjunctos e nos quaes se pode procurar muita fantasia e engenho na colocação dum monograma, o imprevisto dum bordado interessante, a disposição geometrica de mil pequenas nervuras, etc.

Com um conjuncto de Mash, a blusa de crêpe de China alia-se á maravilha e se tem a sorte de ser magra, pode-se usa-la plissada, montada sobre uma cinta lisa.

Multas pessoas fazem condizer a blusa com o resto do vestuario, numa tonalidade um nada mais clara, detalhe que nos confirma a ideia de que a elegancia dum conjunto depende da harmonia das côres entre si.

Uma dança nova

Em França acaba de aparecer uma dança nova. Havia dois anos que os professores, tanto em Paris com no estrangeiro, procuravam um rytmo novo que não se parecesse nem com o fox-trott, nem com o tango, nem com nenhuma das danças actuaes. A «Raquette», como foi baptisada a nova dansa, porque no fim duma das figuras os dansadores esboçam um ligeiro movimento de hombros que pode recordar, em menos violento, o gesto do jogador de tennis lançando uma bola, será, afirma-se, o grande sucesso da estação proxima. Prevê-se que ela destronará os «shimmys» freneticos, os «fox-trotts» demasiado antigos.

A dansa nova, inventada pelo professor Robert, que introduziu em França o tango argentino e, mais recentemente, as «blusas» de rytmo nostalgico, terá o seu logar nos melhores salões.

Mulheres feias e bonitas

Um escriptor francez acaba de publicar um elogio paradoxal da fealdade. Se ele imagina agradar assim ás mulheres, engana-se redondamente, porque nenhuma mulher consentirá em dar-se como tal.

Uma pitoresca aventura aconteceu ha pouco, a este respeito, a um negociante americano, Gerente duma grande casa de modas, teve a ideia, de resto muito logica, de que um chapeu prova os seus meritos e as suas qualidades sobretudo se pode embelezar uma mulher feia. E', com efeito, muito facil arranjar um chapeu para uma mulher bonita; nesse caso é muitas vezes a cabeça que faz o chapeu. Ao passo que o contrario, conseguir pôr na cabeça dum estafermo um chapeu que não tenha um ar ridiculo e que fique até bem ao seu genero . . . de beleza, é ahi que reside toda a dificuldade, é nisso que um verdadeiro artista tem necessidade de gosto e de inspiração.

O nosso americano publicou, pois, um anuncio nos jornais: prometia um premio de cem dollars á mais feia das candidatas que se apresentassem para experimentar os seus chapeus: a exibição devia ser publica e realisar-se nos salões dum dos hoteis da 5.ª Avenida.

Durante trez dias, o gerente da casa de modas esperou . . . esperou a multidão. Ha tantas mulheres desgraçadas neste mundo, tantas raparigas pobres para quem cem dollars são uma fortuna . . . Mas ninguem apareceu; nenhuma mulher feia consentiu em tal humilhação. O concurso ia ser fechado por falta de concorrentes, quando uma candidata, enfim, apareceu: era uma linda rapariga. Mas essa pretendeu que desde o momento em que nenhuma mulher mais feia do que ela se oferecera, ela tinha direito ao premio. E foram obrigados a entregar-lho.

Dias depois, o mesmo gerente publicou um anuncio nos jornaes: pedia bonitas raparigas para apresentar chapeus, com o modesto salario de dez dollares por semana. Desta vez recebeu a visita de tantas creaturas horrendas, que foi obrigado a organisar um serviço especial de empregados, para se vêr livre deles!

Um accessorio indispensavel

Para ser a mulher verdadeiramente «chic» é hoje em dia absolutamente indispensavel o trazer consigo ou, pelo menos, usar todos os dias um «rouge», aquilo a que os nossos avós chamavam em vernaculo um «arrebique». Os mais vulgarmente usados são os «rouges» de fabricação franceza pois os outros, em geral, isto é os inglezes até os alemães, mercê do clima em que são fabricados são tão bons.

Os francezes, porém, são agora muito caros, pois pagam enormes direitos em ouro, além de terem subido de custo em França. Uma casa portugueza, pois, entendeu que devia apresentar um «rouge». E conseguiu, depois de grandes esforços e despesas, obter um «rouge» exactamente egual ao francez, nos mesmos tons «brunette e framboise». E com a vantagem de custar a terça parte do que custa o francez.

E' a «Perfumaria da Moda», da rua do Carmo, 5.

Figurinos de chapeus

Damos junto alguns lindos modelos de chapeus de novidade. São os mais graciosos que encontramos numa larga digressão por todos os jornaes da especialidade.

CELIMÈNE

Xadrez

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 10

Por P. Osborne

Pretas (8)

Brancas (9)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

Solução do problema n.º 5

P. 4 B. D.

F. S.—Indique-me a sua morada que lhe darei a explicação um pouco extensa para o pequeno espaço desta secção.

Recebemos o n.º 1 de «L'Echiquier» magnifica revista de xadrez dirigida por Ed. Lancel, Rua Gilles 71, Bruxelles, 40 francos por ano. Contem partidas, problemas, estudos, recreações matematicas, e gravuras.

Jogo das Damas

Solução do problema n.º 8

1	25—17	31—23
2	26—24	[illegible]
3	7—[illegible]	[illegible]
4	18—27	23—14
5	25—18—9—2—11—18	
	Ganha.	

PROBLEMA N.º 10

Pretas 9 p.

Brancas 7 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Resolveram o problema n.º 8 os srs. Dr. João Maria da Costa (Alpiarça), Dr. Kibô, Antonio Gomes Nené, e Abrantes Silva.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção de *Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardoso.

Actualidades gráficas

NO TEATRO AVENIDA

Uma das scenas da opereta o «João Ratão» interpretado por actores em homenagem ao escritor Acacio Antunes

BANDO PRECATORIO

O bando precatorio realisado pelos bombeiros de Lisboa e que conseguiu angariar 30 mil escudos para acudir ás victimas do incendio do Furadouro

Eduardo Brazão Junior, que compilou as memorias de seu pae.

CINEMA

SOAVA GALLONE A ESPERANÇA DO CINENA ITALIANO, E GRANDE ACTRIZ CUJA INTERPRETAÇÃO ORIGINA-

LISSIMA DA «LABAREDA» DE KISTEMÆCKERS, E' O GRANDE SUCESSO DO «CINEMA CONDES»

UMA CURIOSA RECORDAÇÃO

Brazão e Joaquim d'Almeida despedindo-se do (Brazil)

(Interessante gravura, reproducção de desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro)

Os dois Rosas e Brazão

GRAVURAS DO LIVRO «MEMORIAS DO ACTOR EDUARDO BRAZÃO

MOBILIAS MAPLES

CARPETTES AOS MELHORES PREÇOS!
DO MELHOR FABRICO!

ARMAZENS OLAIO

36, RUA DA ATALAIA, 40

LISBOA

FOTO ESTEFANIA

L. D. Estefania, 11

LISBOA

ATELIER ABERTO DAS 9 ÁS 18 EXCEPTO ÁS SEGUNDAS FEIRAS. EXECUÇÃO PERFEITA EM TODOS OS TRABALHOS A PREÇOS SEM COMPETENCIA. ESPECIALIDADE EM AMPLIAÇÕES, REPRODUCÇÕES E ESMALTES VITRIFICADOS, ETC. ETC.

PAPELARIA PALETA DE OURO

RUA DO OURO, 72—LISBOA

Casa Africana

Rua Augusta, 161

LISBOA

SUCURSAL:

Rua 31 de Janeiro, 220

PORTO

Os proprietarios desta casa, participam aos seus Ex.mos clientes que estão já recebendo grande variedade de tecidos de novidade, que vendem a preços reduzidos, segundo a valorisação do «Escudo». Confecções para senhora, homem e criança. Estão sempre expostos os mais CHICS MODELOS.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

Confrontai Preços

GABARDINES — KAKIS — COTINS NACIONAIS E ESTRANGEIROS PARA FATOS DE VERÃO

LANIFICIOS

LANIFICIOS

TECIDOS LEVES E DE NOVIDADE. SETINS PARA FORROS. SAROELINS. NOS **GRANDES ARMAZENS DA BEIRA** *Lisboa, 20-22, R. Retrozeiros, 24-26*

PERES & ABRANTES, SUCS.

Mobilias completas

Casas de jantar, quartos, salas e escritorios em todos os estilos, dos mais luxuosos aos mais modestos. Moveis desirmanados compra, troca e vende nas melhores condições. Fabricante de Maples em todos os sistemas. Veludos, cretones e peles.

Rua Passos Manuel, 41, 43

LISBOA

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo — Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos

AS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 111, 1.º - LISBOA

TELEF. N. 908

Tapeçarias de Traz-os-Montes

(URROS) L.da

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS, DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

AOS PAIS! AOS FILHOS!

O melhor presente são os quadros da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandezas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

COMPANHIA DE SEGUROS

"A EUROPA"

RUA AUGUSTA, 169 — LISBOA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Impecavel rigor e rapidez nas suas liquidações.

A Prestações

Fatos e sobretudos no rigor da Moda. — Rua da Escola Polytechnica, 35, 2.º — LISBOA.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:
- AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
- AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.
- INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
- CHINA: — Macau.
- TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC. -
TRIMESTRE - 12 ESC. -

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10
ESTRANGEIRO
ANO, 64x64 - SEMESTRE, 32x32

NÃO FAZ CAMPANHAS - PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA - NÃO TEM POLITICA

O crime das Larangeiras

A' longa serie dos crimes passionais, veiu juntar-se mais um. Um marido ultrajado, surpreendendo em flagrante a mulher infiel e o sedutor, alveja-os com a pistola, tendo morto aquela e pondo-se este em fuga.